



AS INTERSECÇÕES ENTRE FAUSTO E FRANKENSTEIN: UMA ANÁLISE TEÓRICA E FILOSÓFICA

Alvaro Daniel Costa (Unioeste)
Dayana Rafaela Antunes (UEPG)
Gislaine Vaz Ferreira (UEPG)
Luana de Oliveira Costa (UEPG)
Maria Luísa Bruno Baumgart (UEPG)

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar a questão fáustica presente nas obras Fausto (1808), escrita por Johann Wolfgang von Goethe e Frankenstein (1818), escrito por Mary Shelley. Para esse fim, buscou-se perceber como a questão fáustica se manifesta em ambas as obras, buscou-se também uma breve apresentação sobre a obra Frankenstein, e por fim buscou-se perceber como a temática morte se faz presente nas duas obras, realizou-se uma análise teórica e também filosófica das temáticas propostas.

Palavras-Chave: Fausto, Frankenstein, Questão fáustica, Morte

Abstract: This article aims to analyze the Faustian question present in the works Faust (1808), written by Johann Wolfgang von Goethe and Frankenstein (1818), written by Mary Shelley. For this purpose, we sought to understand how the Faustian question manifests itself in both works, we also sought a brief presentation on the work Frankenstein, and finally, we sought to understand how the theme of death is present in both works, carried out a theoretical and also philosophical analysis of the proposed themes.

Keywords: Faust, Frankenstein, Faustian question, Death

1. Introdução

A obra Frankenstein (1818) traz em sua narrativa monstro e criador, a história onde o desejo é ambição de ser um criador de vida assim como Deus transcende os limites da ética e da moral, gerando consequências catastróficas para o cientista Victor, é uma narrativa que dialoga em inúmeros aspectos com Fausto (1808) uma obra que também aborda a ambição de um homem que o leva a fazer um pacto demoníaco, dessa maneira percebe-se em ambas as obras o problema fáustico.

Busca-se dessa forma uma análise comparada dessas duas obras tendo como objetivo perceber onde o problema fáustico se manifesta em ambas, como exemplo pode-se citar que tanto o Dr. Victor quanto Mefistófeles demonstram o desejo se igualarem-se a Deus, ou seja há em ambas o desejo em extrapolar a condição humana, também há as provações pelas quais os personagens das obras precisam passar, as questões éticas e filosóficas que são abordadas tanto em Fausto quanto em Frankenstein.

Outro ponto de grande destaque em que as narrativas se assemelham é a questão da morte, esse é o desfecho presente em ambas as histórias, pode-se dizer que a ambição tanto de

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e1929

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11929>



Fausto quanto a de Victor culminaram para a morte de ambos os personagens e esse é o momento onde os personagens parecem realmente enxergar seus atos e assim arrependem-se e buscar a redenção por seus pecados.

Tanto Mary Shelley quanto Goethe deixaram eternizadas para a humanidade essas obras geniais que buscam através da ficção tratar de dilemas humanas, estas são os tipos de obras que têm o grande poder de marcar o leitor e deixar inúmeras reflexões que vão muito além de questões literárias, nos deixando reflexões sobre humanidade, ambição, arrependimento e redenção.

2. A obra Frankenstein

Frankenstein é uma das obras de mores destaques da autora inglesa Mary Shelley (1797-1851) autora que possuiu uma vida bastante conturbada o que possivelmente influenciou em sua escrita, a obra Frankenstein foi publicada em 1818 narrando a história do médico Victor Frankenstein, um homem com sede de conhecimento e especialmente interessado na ciência e na criação da vida, movido pela ambição e o desejo de fazer sua própria criação, a partir de restos de corpos mortos e conhecimento o Dr Victor obtém êxito e dá vida a uma criatura.

Após esse feito grandioso, Victor passa a sentir repulsa e arrependimento por sua criação, passa a vê-lo como uma criatura monstruosa a qual ele abandona sem pestanejar, esse abandono da criação pelo seu criador é responsável por inúmeros conflitos e consequências ao longo da obra pois a criatura abandonada pelo homem que a criou, sem ser amado passa a nutrir sentimentos de ódio e a rancor pelo médico o que o leva a agir de forma violenta e perseguidor para com todos os entes queridos de seu criador, o que acarreta em um grande sofrimento ao Doutor Victor.

Frankenstein é uma obra brilhante, imortalizada na literatura universal possuindo reconhecimento até os dias atuais, uma obra que fala sobre ambição, ódio, amor, sofrimento, morte, redenção que encanta o leitor devido a grande complexidade apresentada pelos personagens, uma obra que leva a reflexão sobre todos esses temas e torna-se inesquecível.

3. Breves considerações sobre a construção da personagem Victor Frankenstein



Os três elementos centrais do romance são o enredo, a personagem, que são a sua matéria, e as “ideias”, que são o seu significado, sendo esses indissociáveis em narrativas bem construídas, todavia, a personagem se destaca desse conjunto, uma vez que ela é que se encontra mais *vivo* no romance. Ademais, é por meio dela que o leitor estabelece a conexão afetiva e intelectual que possibilita a aceitação da verossimilhança da obra, mesmo que nessa ocorra acontecimentos infactíveis segundo as leis que ordenam a realidade na qual o leitor se encontra (CANDIDO, 2014). Isso posto, pretende-se realizar uma breve análise da construção da personagem Victor Frankenstein, com a finalidade de compreender, mais satisfatoriamente, o problema fáustico na obra de Shelley.

Segundo Antonio Candido, no ensaio *A personagem do Romance* (2014), não somos capazes de abranger a personalidade de nossos iguais em suas totalidades, portanto, é possível concluir que nosso conhecimento a respeito do outro é fragmentário e adquirido por meio de conversas, atos e informações, que não são obtidas de forma contínua. Assim, as pessoas, mesmo aquelas que julgamos conhecer, continuam a nos surpreender, por meio das “camadas” que ainda não desnudamos. Isso posto, ainda em conformidade com o crítico literário, esta questão, a fragmentação, é incorporada à literatura pelos escritores na construção de suas personagens, contudo,

há uma diferença básica entre uma posição e outra: na vida, a visão fragmentária é imanente à nossa própria experiência; é uma condição que não estabelecemos, mas a que nos submetemos. No romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim que é, na vida, o conhecimento do outro. Daí a necessidade da necessária simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, frases, de objetos significativos, marcando a personagem para a identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. (CANDIDO, 2014, p. 58)

Esse processo pode ser observado em *Frankenstein*, sobretudo nas cartas de Robert Walton, visto que é a partir da interação entre ele e Victor, que o leitor começa a conhecer o segundo, justamente a partir da visão do primeiro, isto é, de um outro. Dito de outro modo, a partir do conhecimento fragmentado de Walton sobre Victor, que é obtido por meio de conversas e de condutas praticadas. A exemplo dos trechos a seguir, nos quais o comandante do navio, por meio de suas observações do Dr. Frankenstein, realizadas em momentos distintos, elabora considerações sobre ele e sua personalidade e, assim, também o apresenta ao leitor.



O estrangeiro melhorou de saúde, mas é muito calado e demonstra inquietação quando alguém, exceto eu, entra na cabine. Todavia, sua atitude é tão simpática e afável que os marinheiros estão todos interessados em sua sorte, embora tenham muito pouco contato com ele. [...] Algo me diz que ele, em dias mais felizes, deve ter sido uma criatura cheia de nobreza, que ainda emana da sua personalidade atraente e afável. Aumenta minha estima pelo meu hóspede, na razão direta da minha admiração e piedade. Não posso furtar-me a um sentimento de profunda mágoa ao ver alguém tão aniquilado pela miséria. Ele é afável e culto, e quando fala, embora cada palavra seja meditada, sua linguagem é fácil e eloquente (SHELLEY, 1998, p. 20-21).

A visto disso, há nessas passagens, *convencionalidade*, uma particularidade de criação das personagens, que “é basicamente o trabalho de selecionar traços, dado a impossibilidade de descrever a totalidade duma existência (CANDIDO, 2014, p.75), como o modo de proceder com outros indivíduos, no caso de Victor, “simpático e afável”, bem como a sua aptidão para a oratória, constatada ao final do segundo fragmento.

Outrossim, em conformidade com Candido, um dos caminhos para a criação das personagens, é aquele no qual não é possível rastrear a origem da inspiração para determinada personalidade fictícia, pois ela “ou não tem qualquer modelo consciente, ou os elementos eventualmente tomados à realidade não podem ser traçados pelo próprio autor. Em tais casos, as personagens obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico [...]” (CANDIDO, 2014, p.73). E considerando que o autor, de forma inconsciente ou consciente, desloca para o texto concepções morais e intelectuais próprias, é viável considerarmos que Victor reflete os homens da ciência de sua época, posto que Mary Shelley escreveu sua obra em um período no qual o método indutivo despontava e novos conhecimentos a luz de Kepler, Harvey, Isaac Newton, entre outros, refutaram os anteriores ao trazerem novas práticas e princípios, logo, não é estranho que o personagem da inglesa se demonstre fascinado pelas ciências naturais (ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.15).

Além disso, o ponto central em *Frankenstein* é a busca desenfreada de Victor pelo conhecimento, tal qual o personagem de Goethe, Fausto, sobretudo o relativo à vida, à morte e à criação. Essa questão pode estar relacionada a preocupação da autora com ética na ciências da época, visto que os furtos de cadáver para procedimentos científicos haviam aumentado e Erasmus Darwin, amigo do Percy Shelley, marido de May, acreditava que a mais simples criatura poderia ser feita pela união de partes de matéria em decomposição e discorre que a vida é gerada através da morte (GOMES, 2018). Diante do exposto, não é



possível dissociar a composição de seu personagem como cientista e o contexto de produção da obra.

4. Frankenstein e o problema fáustico: as inter-relações entre a obra de Shelley e Goethe

Várias correlações fáusticas aparecem no clássico da literatura *Frankenstein*. A autora Mary Shelley (1797-1851) nos brinda com uma obra atemporal e que podemos relacionar com outras narrativas clássicas, como é o caso de *Fausto* do escritor Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). A primeira publicada 1818 e a segunda em 1808, são filhas do século XIX e que se interseccionam aos dualismos da existência humana como, por exemplo, o bem contra o mal, a criatura em contraponto ao criador, etc.

Frankenstein é visto pelo seu criador Victor como um demônio sendo, inclusive, sendo tratado pelo seu criador Victor como infeliz, múmia, monstro, dentre outros predicados negativos. Dizia Victor: “Como retratar o infeliz que com dores e cuidados infinitos esforcei-me por formar?” (Shelly, 2017, p. 76), O cientista continua suas descrições exclamando: “Uma múmia ressuscitada não seria tão medonha quanto aquele infeliz” (Shelly, 2017, p.76).

Podemos, então, relacionar Frankenstein com Mefistófeles, pois segundo Lobo (2021, p. 5) tanto:

Belzebu, Lúcifer e Mefistófeles eram anjos do Senhor antes de caírem em desgraça e virarem demônios. O filho do Dr. Frankenstein também é chamado por ele de “demônio”, “criatura” e “desgraça”, palavras de origem bíblica”.

O problema fáustico da obra *Frankenstein* está também no fato de que o próprio título da obra relembra o mito intitulado “*Prometeu*”, cujo erro foi ter roubado um fogo abençoado para presentear a humanidade, mas que foi duramente punido. Lobo (2021, p.5) afirma que o “Dr. Frankenstein também foi punido, não pelo demiurgo, mas pelo seu ‘filho’ e por ele mesmo, ao se arrepender de sua criação, e quando todos os seus entes queridos são mortos pelo monstro”. Frankenstein até se humaniza em determinados pontos da obra e quer uma companheira, se afeiçoa a um casal francês, começa a ter bons modos, aprende a ler e falar, contudo, isso não basta para a ira que tem de seu criador.

Outro ponto que podemos estabelecer entre ambas as obras é o fato de Mefistófeles querer se igualar a Deus, assim como Victor. Mesmo que Victor seja um cientista, ele tem



essa vontade de criar um humano a partir de seus experimentos. Sobre isso Lobo (2021, p.36) afirma que:

O livro nos remete para uma grande questão metafísica – transcendental –, algo que está além da física ou do entendimento do vulgo – ao colocar, implicitamente, o limite de poder de criação do ser humano: podemos nos igualar a Deus, criar pessoas, nos responsabilizarmos por sua ética e ações?

É, justamente, esses dilemas éticos e do drama humano que as duas obras tem em comum. Em ambas, vemos o desejo de extrapolar os limites da condição humana. Em *Frankenstein* o desejo de Victor superar-se enquanto cientista e em *Fausto* é através dos obstáculos impostos por Mefistófeles por via das provações que ele tem que se submeter. Em *Frankenstein* as provações são as mortes de pessoas queridas de Victor bem como sua própria consciência em meio a essas adversidades.

Outro quesito fáustico é no que tange às limitações dos nossos protagonistas: enquanto Fausto entrega-se ao desejo e ao máximo prazer, Victor faz o mesmo enquanto está animado ao pensar em sua criação.

A dicotomia entre ciência e religião também aparece nas duas obras, visto que, o Dr. Victor é um intelectual que pesquisa muito sobre o segredo da existência através da alquimia medieval, mesmo seus docentes da Alemanha sendo radicalmente contra. Na visão de Lobo (2021, p. 37) “Evidentemente, a resposta de Mary Shelley, em seu tempo, foi condenar a criação de um ser humano por Victor Frankenstein, pois ninguém pode se equiparar a Deus”. Um ar sombrio é posto na obra de Shelley assim como em *Fausto* na Noite de Valpúrgis (início da Primavera e culto aos seres infernais) que representa a vaidade, sobretudo, a intelectual. Em *Fausto* também temos a questão de que ninguém pode se igualar a Deus, tendo o protagonista esgotado todas as possibilidades humanas, pois Mefistófeles dá tudo o que nunca viu o ser humano.

Groddeck (2001, p. 168) nos aponta o caráter de ousadia em *Fausto*, e notamos o mesmo com Dr. Victor Frankenstein. Segundo Groddeck (2001, p. 168) “*Fausto* não é nenhum super-homem, em tudo o que faz e pensa e sente é cada um de nós, ousa ser homem, o que tão poucos ousam”. Talvez aí resida uma das maiores questões fáusticas que também aparece na obra de Shelley.

5. Outras reflexões sobre a questão fáustica em *Frankenstein*



Como observado, o desejo de extrapolar os limites da condição humana é extremamente visível tanto em *Fausto*¹ de Johann Wolfgang Goethe, como em *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley, uma vez que em ambas as obras, os personagens principais demonstram não preocupar-se com as limitações corpóreas inerentes ao estado humano, extrapolando, assim, os limites do ser e do indivíduo. Em *El pecado de Frankenstein* (2013)² a autora Natalia González de la Llana Fernández afirma que:

Como o Fausto de Goethe, Frankenstein representa a insatisfação humana com sua própria condição, a falta de realização que aparece como um desejo insaciável de ser mais do que somos, neste caso, por saber mais, embora o conhecimento não proporcione o tão almejado bem-estar. (FERNÁNDEZ, 2013, p. 5, tradução nossa)

Assim, observa-se que a insatisfação presente em Fausto é também presente em Frankenstein, uma vez que Victor Frankenstein insatisfeito com sua atual condição cria em seu laboratório um monstro, um indivíduo que conseguisse ir além das possibilidades estabelecidas no espaço e no tempo, tudo isso, sem se importar com as consequências ou os meios necessários. Na introdução do romance³, Brito (2016, p. 36) afirma que:

Na raiz da palavra “monstro” — que aparece mais de trinta vezes no romance —, está o verbo latino *monere*, que significa “avisar, prevenir”. Uma análise detida do romance reforça a ideia de Frankenstein como uma história moral. A ambição desordenada, o desejo não contido pelo conhecimento a qualquer preço, um senso de cumprimento do destino e o perigo de isolar-se do amor e da amizade ameaçam transformar qualquer homem em monstro. Ao expor a vilania do herói, Victor Frankenstein, e a humanidade do vilão, a criatura, fica claro o caráter de advertência quanto aos limites do conhecimento.

Como observado, Frankenstein de Shelley, também retrata a ambição do sujeito presente em Fausto: O desejo de sempre querer mais e, sobretudo, ambas as obras se conectam no que tange ao insaciável do homem, isto é, do indivíduo que busca extrapolar os limites do ser de modo irreplicável, com ganância e como verificado, dominando a própria natureza, seja ela a divina ou a humana.

Como nos adverte Santos (2013, p. 68) “não há o pacto explícito, como o que ocorre em Fausto, mas como Frankenstein, que usa sua inteligência para criar um monstro que é capaz de destruir qualquer ser humano”, não obstante, ambas as obras se conectam, uma vez que tanto a criatura criada no laboratório, quanto o estudioso que encontrava-se desencorajado

¹ A obra de Fausto foi dividida em duas partes: A primeira em 1808, já a segunda foi publicada em 1832.

² O texto original está em língua espanhola, não obstante somos responsáveis pela tradução.

³ Edição da editora DarkSide



e deprimido “possuem uma maldade implícita, associada a um desejo forte pelo poder”. Assim, por um lado temos Victor Frankenstein com a ambição de criar uma criatura capaz de superar as convenções humanas da natureza, por outro temos Fausto, um homem que ambicionado pela proposta de Mefistófeles realiza um pacto, desafiando as leis divinas e humanas.

No que tange às obras mencionadas, observamos que tanto Shelly quanto Goethe imprimem questões extremamente importantes do período romântico em que se inseriram, uma vez que para os românticos a vida deveria ser bela esteticamente e o prazer deveria ultrapassar todas as coisas, incluindo a moral. Percebe-se de maneira muito evidente que as características do romantismo presente em ambas as obras é a do indivíduo que nega e desafia as convenções, uma vez que se sente incompreendido.

Ao discorrer sobre questões mais profundas presentes no romance de Shelly, Fernández (2013, p. 6, tradução nossa) afirma que:

Frankenstein subtrairia então não apenas o conhecimento dos deuses, mas um conhecimento muito concreto, que é o que o leva a unir fragmentos inertes de vários cadáveres, transformando-os em um organismo com existência própria: o cientista brinca de ser Deus criando a vida e depois não assume nenhuma responsabilidade por ela [...]

Assim, nota-se que, a criatura composta por partes de corpos mortos demonstrava o modo em como seu criador desafiava as convenções humanas – uma vez que biologicamente ele utilizava partes de cadáveres, isto é, de pessoas que já estavam mortas – e no que tange à religiosidade, o cientista Victor Frankenstein desafiava a figura divina, já que apropriou-se do poder de criar vida, isto é, a crença de que existe um criador responsável pela vida e pela morte de todos os seres. Ainda nessa conjuntura, Fernández (2013, p. 8, tradução nossa) afirma que:

Como no caso da busca do conhecimento, podemos concluir que a criação artificial de um ser humano é um novo roubo de uma prerrogativa divina, o poder sobre a vida. Mesmo em um mundo secularizado como o apresentado pela autora britânica, parece haver um "pecado" contra as normas da natureza. A história de Frankenstein, como a de Adão e Eva, Fausto, etc., parece nos lembrar que o homem não deve tentar ultrapassar os limites que sua própria essência lhe impõe.

Assim, pode-se observar que uma das questões fáusticas mais presentes, senão a maior, em Frankenstein é justamente o modo em como o cientista busca ultrapassar o domínio sobre a criação da vida, uma vez que ambiciona criar uma criatura capaz de extrapolar os



limites do ser, tudo isso de maneira insaciável. Nesse sentido, a autora ainda reitera que “efetivamente, Frankenstein busca um conhecimento que não o corresponde, a possibilidade de criar vida artificialmente, tentando desse modo se igualar Deus” (p. 11), assim, como em Goethe, em Shelly também encontramos personagens que buscam ultrapassar todos os limites do ser, como se o espírito fosse maior que o corpo.

Levando em consideração os aspectos mencionados, observa-se que tanto em *Frankenstein*, quanto em *Fausto*, obras do séc. XIX – período romântico – ambos os personagens principais buscam incessantemente o conhecimento e procuram, sobretudo, compreender de maneira integral o mundo no qual se encontravam. Pode-se dizer que a questão norteadora da questão fáustica presente em ambas as obras é: O que posso fazer para além disso? A imortalidade. Assim, observa-se que o desejo de sempre querer mais, de ultrapassar todos os limites do ser mortal, buscando obter um poder sobre a vida e sobre a morte.

6. A representação do mito do homem moderno em Frankenstein e Fausto

A morte faz parte do desenvolvimento humano, acompanha o ser humano até o fim da sua vida, e seu conceito foi sofrendo alterações durante os anos. Novos questionamentos foram surgindo, passou a ser vista como um processo que em um determinado momento se torna irreversível. Contudo, falar sobre morte envolve uma série de emoções e sentimentos, pode representar o fim de algo.

Dessa forma, este assunto não é muito abordado no cotidiano, como dito anteriormente, a morte pode ter várias representações e podem mudar de acordo com o ponto de vista de cada indivíduo. Por outro lado, na literatura esse assunto é bastante recorrente nas obras de grandes autores, muitas histórias foram e são escritas apresentando essa temática.

Em muitos clássicos da literatura universal o percurso da morte é descrito, pois envolve sentimentos, conseqüentemente ultrapassou os limites da realidade e adentrou a ficção construindo enredos a partir da relação vida e morte, demonstrando a angústia com o destino humano.

No fim do século XIX, durante o período de transição entre Idade Média e Idade Moderna, essas mudanças ocorreram principalmente na ciência e na religião. Tais mudanças serviram de pano de fundo para a construção do cenário, o contexto em que a história se



encaixa e os anseios morais e religiosos serviram de espelho para a criação do personagem Fausto.

Goethe, se interessava pela literatura gótica, por histórias de terror que refletem sobre os próprios valores do homem, em seu livro *Fausto*. O autor tenta apontar a experiência da sua existência sendo assim, é considerada uma obra simbólica para o autor. Além de Goethe, a autora Mary Shelley também era conhecida por seu romance gótico: *Frankenstein*.

Em virtude disso, estes autores apresentam em suas obras como a ambição e o desejo de saber encaminham os personagens, Fausto e Victor, a morte, a sede por conhecimento além de causar atrito entre a ética e o progresso, fizeram estes dois sujeitos caminharem por lados obscuros, sem medir as consequências de seus atos, o ceticismo em relação ao futuro e ao que é vida.

Assim como Goethe, Shelley questiona as inúmeras teias que compõem a vida humana e suas relações e até que ponto vale seguir, para se alcançar o que mais se quer. Em *Frankenstein*, a realidade é mais forte do que a ficção porque a autora tenta retratar sua experiência de abandono. Desde muito cedo ela experienciou muito, como a perda de sua mãe, a morte de seus três filhos e a morte de seu ex-marido aos 29 anos. Esses fatos vivenciados por Shelley são contados em seu livro, portanto, as experiências transparecem em Victor desde o começo da sua história, em razão da vontade do homem de transpor os limites da natureza e das consequências que a tal pode trazer, diante disso o personagem principal sofre tantas mortes.

Por esse motivo, a narrativa do criador e da criatura se juntam, os dois são obrigados a olhar para dentro de si, viver com a solidão e com o medo, a realidade sendo espelho para a ficção, tentando demonstrar as características humanas e a dualidade entre o bem e o mal porque a partir do momento que a criatura foi criada, ela mata pessoas importantes para o seu criador.

Em *Fausto*, o enredo entre Mefistófeles e Fausto, o autor alemão em seu poema trágico conseguiu materializar o mito do homem moderno, no enredo o homem está tentando dar um significado para a sua vida que está frustrado com as limitações humanas e busca respostas em outro universo, essa necessidade de compreender os mistérios de sua vida. Em uma conversa com Mefistófeles o personagem principal não consegue resistir a tudo que está sendo oferecido.



A insatisfação e o desejo de ver todos os seus sonhos realizados, essa ânsia move o protagonista, desse modo à busca incansável de Fausto discute a infelicidade que marca a experiência humana, pois o desespero sobre os segredos da vida o atormenta, Mefistófeles conduz Fausto para o caminho oposto, no caminho da maldade, no transe da morte e tornando seu escravo.

Nesse sentido, Goethe e Mary Shelley buscam representar em suas histórias o mito do homem moderno, nesse caso as narrativas demonstram que insatisfação, a ambição e o medo dos segredos da vida, acabam com a vida dos personagens durante o enredo, os autores procuram espelhar o homem daquele período em suas obras, como as mudanças sociais afetam os valores éticos e morais do homem, a vontade de ultrapassar os próprios limites, sem pensar nas consequências que essas escolhas poderiam causar, portanto Fausto e Victor caminham por lados obscuros, de solidão, eles foram dominados pelo desejo, o propósito de desafiar a si mesmo e a natureza, levaram esses personagens a morte.

Referências

- ALEXIUS, Lourdes Vivian; ALVES Lourdes Kaminski; FORTES Rita das Graças Félix. Um olhar sobre a Morte na Literatura Moderna e pós -Moderna: na Literatura Moderna e Pós -Moderna. **Revista Tecnologia e Humanismo**, Curitiba, Paraná, v. 22, n. 34, p. 1 de 7,2008.
- BRITO Márcia Xavier. Introdução. In: SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução Márcia Xavier de Brito. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017. 304 p. Tradução de: Frankenstein.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do Romance**. In: _____ - A personagem de ficção. 13. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. (Coleção Debates, n.1)
- CALIXTO, Luiz Henrique de Oliveira. **melancolia e solidão em Frankenstein, ou o prometeu moderno: ou o prometeu moderno**. Orientador: Profª. A Dra. Luciane Alves Santos. 2021. 45 p. Monografia (Graduação em Letras) - Graduação em Letras, Paraíba, 2021.
- DOS SANTOS, Marli Cardoso. **O Mito de Fausto em Balzac**. Revista de Letras Norte@mentos, 2013.
- FERNÁNDEZ, Natalia González de la Llana. **El pecado de Frankenstein**. Álabe Revista De Investigación Sobre Lectura Y Escritura, (7). 2013
- GOETHE, Johann Wolfgang von. **Fausto: uma tragédia**. Tradução Jenny Klabin Segall. 7ª ed. São Paulo: Editora 34, 2020. 552 p. Tradução de: Faust: eine Tragödie. Disponível em: Acesso em: 3 jan. 2023.
- GOMES, A. S. A ciência monstruosa em 'Frankenstein': aspectos do pós-humano. **Gragoatá**, v. 23, n. 47, p. 848-872, 29 dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33606#:~:text=Considerando%20as%20caracte>



r%C3%ADsticas%20f%C3%ADsticas%20e,conceito%20de%20p%C3%B3s%2Dhumanidade%20na. Acesso em: 01 fev. 2023.

GRODDECK, Georg. **Escritos psicanalíticos sobre Literatura e Arte**. Tradução Natan Norbert Zins e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, f. 140, 2001. 279 p. Tradução de: PsychoanalytischeSchriftenzurLiteraturundKunst.

GUIMARÃES, Paula Alexandra (2020). A Presença de ‘Fausto’ na Literatura e Cultura Inglesas – Revisitando Adaptações da Lenda e Interpretações do Mito. *In*: ALBERTO F. Araújo, Rogério de Almeida e Marcos Beccari (orgs.). **O Mito de Fausto**. Vol.3 de Mitos da Pós-Modernidade. São Paulo: FEUSP.

LOBO, Luiza. Frankenstein, de Mary Shelley: Entre literatura e ciência. **Cosmos & Contexto**, Rio de Janeiro, 21 jun 2021. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/frankenstein-de-mary-shelley-entre-literatura-e-ciencia/>. Acesso em: 3 jan. 2023.

ROCQUE, L. de L. e TEIXEIRA, L. A.: ‘Frankenstein, de Mary Shelley e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura’. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**, vol. VIII(1), p. 10-34, mar./jun. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/nzcGnVjNPrC89Q588ysmrDc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2023.

RODRIGUES, Silmara. Fausto histórico e literário: um mito do individualismo no contexto de transição da Idade Média para a Era Moderna: um mito do individualismo no contexto de transição da Idade Média para a Era Moderna. **Do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, Paraíba**, v. 9, n. 2, p. 1 de 13, 25 nov. 2020.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução de Éverton Ralph. São Paulo: Publifolha, 1998.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Tradução Márcia Xavier de Brito. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017. 304 p. Tradução de: Frankenstein.